

## CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA E ÓDIO: UM OLHAR PARA UMA DUAS DE ELIANE BRUM

VITÓRIA PINHO JUNGES<sup>1</sup>; CAMILA PEIXOTO FARIAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – vitjunges@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Na intenção de realizar um diálogo com a obra “Uma Duas”, da jornalista e escritora Eliane Brum, este trabalho de conclusão de curso em Psicologia (UFPEl), vinculado ao grupo de estudos e pesquisas em Psicanálise Pulsional, se propõe a olhar de forma subjetiva o processo da constituição psíquica marcada pela predominância do ódio, pelo viés teórico embasado no método psicanalítico. “Uma Duas” conta a história de uma mãe e uma filha, Maria Lúcia e Laura, que possuem uma relação em extremos, de corpos-fundidos e amor e ódio se confundindo enquanto um; e é procedendo dessa relação conturbada e visceral narrada no livro que se busca sondar o impacto do ódio durante o processo de constituição psíquica.

A partir de uma psicanálise situada e considerando a marcação social de gênero presente na obra doravante o local da cisgeneridade, se tem por intuito apresentar breves considerações sobre o processo de constituição psíquica em graus de normalidade, continuando no diálogo entre a obra e como se sucede a constituição psíquica com a marca de prevalência do ódio; ainda no decorrer do tópico sobre Maria Lúcia e Laura e sua relação de ódio, são adentrados aspectos da vivência de indiferença e facilidades sociais a partir do gênero para os direcionamentos do ódio.

Tal tema expõe sua importância ao revelar as maternidades dissidentes, as relações não convencionais entre mãe e filha, encarando de frente o ódio que existe por trás das relações sem buscar atenuá-lo em prol do conforto alheio. A narrativa de temáticas que abordem a presença do ódio nas relações é essencial para visibilizar esse aspecto, que costuma ficar escondido por trás de uma estruturada e adornada fachada de relação onde apenas se é permissível narrar o aspecto do amor entre mãe e filha.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa teórica realizada neste trabalho foi fundamentada no método psicanalítico e contextualizada levando em consideração a lógica sócio-histórica cultura, partindo do diálogo com Figueiredo e Minerbo (2006) cuja premissa é a pesquisadora afetar o objeto de estudo tanto quanto se deixa afetar por ele. Pelo reconhecimento da impossibilidade de uma neutralidade investigativa, é proposto um encontro implicado entre pesquisadora e objeto, visando a produção de conhecimento (DOCKHORN, MACEDO, 2016).

Ainda no reconhecimento da neutralidade investigativa como algo impossível, é trazido Valeska Zanello para discutir a lógica performática de gênero e suas exigências silenciosas e estruturais para com as mulheres, com enfoque em mulheres que são mães. Por fim, em diálogo com Donna Haraway, se expõe como o presente trabalho não tem por intuito conclusões rígidas referente ao que

está sendo proposto em sua discussão, buscando fundamentalmente problematizar a questão.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando eu tinha 15 anos, escrevi no meu caderno de escola. *Será que a morte da mãe é a vida da filha? Será que a vida da mãe é a morte da filha?* Naquele tempo eu já sabia que não havia espaço para nós duas na mesma vida, no mesmo corpo. Uma de nós precisava morrer. E eu queria viver. Inventava histórias na minha cabeça em que matava minha mãe pelos métodos mais terríveis. Sempre com dor. Os olhos por último, para que pudesse ver o que eu fazia com ela e como sangrava. *Torturava minha mãe enquanto olhava nos olhos dela para que soubesse que tinha perdido. Que eu havia vencido.* E, no último ato, perfurava seus olhos com a ponta da faca ou os queimava com um daqueles ferros de marcar gado. Sonhava então com uma vida sem mãe, com um corpo que só pertencesse a mim. (Uma Duas, Eliane Brum, 2011, p. 146, grifos meus)

Para adentrar a relação de ódio entre Maria Lúcia e Laura na escrita do trabalho, trazemos esse recorte de modo a indicar a dimensão do ódio. Nesse sentido, a discussão teórica se inicia por Eliane Marraccini (2010), para explicar a importância do ódio em graus de normalidade nas relações, considerando que todas as relações saudáveis possuem essa ambivalência entre amor e ódio. O ódio, então, surge como esse sentimento essencial, que ajuda a autoconservar e encaminhar para alteridade, para separação entre eu e outro, para dar limites na constituição do eu (MARRACCINI, 2010)

Os sentimentos de amor e ódio estão vinculados diretamente com prazer e desprazer, dessa forma, conectando o amor com as fontes de prazer nas vivências do eu enquanto o ódio estaria conectado com as fontes de desprazer vivenciadas pelo eu (FREUD, 1915). O amor seria o movimento de incorporar no Eu os objetos que causam prazer, e o ódio ficaria responsável por impor distância e expulsar as fontes de desprazer, para começar a definir o que é interno e o que é externo, é o movimento originário do eu em se afirmar diante do desprazer.

O objeto primário é a primeira figura a receber esse ódio, que servirá como forma de comunicar o desprazer e futuramente diferenciar esse objeto do Eu; Marraccini (2010) expõe como é papel do objeto primário captar e reconhecer a diferença que existe entre o Eu e o objeto, para ajudar a delinear os contornos da imagem narcísica. Caso o objeto primário falhe em captar e reconhecer os limites entre o eu e o outro podem ficar fragilizados e, como é exposto por Maria Helena Fernandes (2012), quando o objeto primário responde aos apelos do bebê seguindo seus próprios apelos, o bebê fica preso na impotência e na dependência.

Moraes & Macedo (2011) conceituam essa experiência como vivência de indiferença cuja definição se dá pela presença do signo da indiferença no encontro com um outro, pelo não reconhecimento de um outro; tal vivência não está atrelada a falta de cuidados ou desdém, mas a uma indiferença sobre o processo do reconhecer o existir alteritário e singular, o que aprisiona a criança em “um registro mudo, porém com força matriz” (Moraes & Macedo, 2011, pg. 44). Ao se perceber não vista, a criança tem sua “apropriação do sentido de existência” (Moraes & Macedo, 2011, pg. 43) profundamente impactada, o que dificulta a diferenciação com o outro.

Laura não foi percebida, apaziguada e investida libidinalmente, o que a impediu de constituir de maneira saudável seu psiquismo e reconhecer seu corpo enquanto apenas dela. Essa vivência fez com que Laura buscasse outras formas de direcionar o ódio que não podia ser externalizado. Freud (1915) indica alguns destinos para o ódio que não pode ser dirigido aos objetos externos, abordaremos o redirecionamento contra a própria pessoa.

O redirecionamento contra a própria pessoa expõe como a meta passiva do masoquismo atua como meta ativa de sadismo voltado contra o Eu (FREUD, 1915). Esse Eu é imobilizado depois de ter ativado de forma precoce as reações defensivas, que prendem o Eu em roteiros sadomasoquistas (MARRACCINI, 2010) tendo esse destino pulsional exemplificado nas passagens da obra onde Laura comete as automutilações. A meta masoquista encontra um destino para o ódio ao dirigí-lo contra si mesmo, ainda que paradoxalmente isso aumenta o próprio sofrimento (FREUD, 1915). O ódio de Laura pela mãe, portanto, era interdito pelo ódio que a mãe direcionava para ela.

Por fim, ao falar sobre os direcionamentos pulsionais, faz-se necessário apontar a existência de direcionamentos facilitados socialmente com base no gênero, partindo do diálogo com a Zanello (2018) e os scripts culturais e performances de gênero, é possível afirmar que para mulheres os destinos do ódio são escassos e interditos socialmente. No caso de Laura, o único destino para o seu ódio é o retorno dele contra ela mesma pela via da automutilação. Por conta da vivência de indiferença experienciada, a compulsão à repetição se mostra em Laura enquanto uma necessidade, algo além de seu controle, que dá passagem da dor ao ato.

#### 4. CONCLUSÕES

A existência de diversas lentes pelas quais é possível voltar o olhar sobre “Uma Duas” possibilita ficcionar a partir das lacunas presentes na cena da relação entre mãe e filha narrada; assim, surgiu a necessidade de discutir a maternidade por uma nova lente, que a retirasse da percepção de um amor incondicional entre mãe e filha e permitisse a compreensão do ódio enquanto uma forma relacional vinculativa. Nesse sentido, o trabalho não possui intuito de chegar a conclusões fixas, justamente por não se propor a encerrar as possibilidades de diálogo que podem reverberar a partir do contato entre a obra e diferentes teorias.

Por fim, reconhecendo a presença da ambivalência de amor e ódio em todas as relações afetivas, é possível afirmar que a lógica social impõe a exclusão do ódio em determinadas relações; tal negação do ódio acaba por também negar o impacto que o ódio possui no processo de constituição psíquica, a sua significância para as futuras relações e a escassez de direcionamentos viáveis para externalização desse ódio.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Eliane. **Uma duas**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2011.

DOCKHORN, C. N. de B. F.; MACEDO, M. M. K. **Estratégia Clínico-Interpretativa**: um recurso à pesquisa psicanalítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 529–535, 2016.

FERNANDES, Maria Helena. **Transtornos Alimentares** - Coleção Clínica Psicanalítica. Volume 34. 2ª edição. Casa do Psicólogo, 2012.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. **Pesquisa em psicanálise:** algumas idéias e um exemplo. J. psicanal., São Paulo, v. 39, n. 70, pág. 257-278, 2006.

FREUD, S. (2010). **Introdução ao narcisismo**. In S. Freud, Obras Completas. (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1914).

\_\_\_\_\_. (1996g). **A pulsão e seus destinos**. In J. Strachey, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915).

HARAWAY, D. **Saberes localizados:** a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 5, p. 7–41, 2009.

LAPLANCHE, Jean. **A teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MARRACCINI, Eliane Michelini (org.). **O eu em ruína – perda e falência psíquica**. São Paulo, Primavera Editorial, 2010.

MORAES, E. G. & Macedo, M. M. K.. **Vivência de indiferença: do trauma ao ato-dor**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

TARELHO, Luiz Carlos. **O descentramento do ser humano e o realismo do inconsciente na teoria laplancheana**. In P. de C. Ribeiro (Org.), Por que Laplanche? (pp. 15-49). São Paulo, SP: Zagodoni, 2017.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.